

## Trapiche Urbano: as crianças da região amazônica<sup>1</sup>

Jessé Andrade Santa BRÍGIDA<sup>2</sup>

Aline ANDRADE<sup>3</sup>, Ana Carolina MATOS<sup>4</sup>, Ana Lúcia Oliveira da CRUZ<sup>5</sup>, Brenda FERREIRA<sup>6</sup>, Cleonice NUNES<sup>7</sup>, Denilson LOPES<sup>8</sup>, Eliete AMORIM<sup>9</sup>, Helder FERREIRA<sup>10</sup>, Jéssica SOBRAL<sup>11</sup>, Laís NUNES<sup>12</sup>, Luãhy CASTRO<sup>13</sup>, Mayra LEAL<sup>14</sup>, Pedro FERNANDES<sup>15</sup>, Salete FERREIRA<sup>16</sup>, Thaíssa SOBRAL<sup>17</sup>, Valéria LINHARES<sup>18</sup> e Yuri COELHO<sup>19</sup>  
Célia Regina Trindade Chagas AMORIM<sup>20</sup>  
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

**RESUMO:** A Amazônia, muitas vezes, é vista pela ótica do paradigma redutor e simplificador do exotismo. Os meios de comunicação vendem as imagens “fabulosas” das riquezas naturais da região, ocultando os principais problemas dos seus habitantes. Para se contrapor a tal paradigma, os alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA) produziram, no segundo semestre de 2013, durante a disciplina de Telejornalismo, a revista eletrônica “Trapiche Urbano”. Da pauta, passando pela reportagem em profundidade, edição e pós-produção, a ideia foi trabalhar com a temática crianças da Amazônia. Muitas sofrem com o escarpelamento, o trabalho infantil, a exploração e abuso de menores nos rios da região. Trata-se de uma agenda urgente e necessária. As crianças podem escrever uma outra história na Amazônia.

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Cinema e audiovisual, modalidade Programa Laboratorial de TV.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social, habilitação em Jornalismo e bolsita do projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq A Trajetória da imprensa no Pará. email: jesse.asb@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [alineandrade00@hotmail.com](mailto:alineandrade00@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [acgmatos@gmail.com](mailto:acgmatos@gmail.com).

<sup>5</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [annacameta@bol.com.br](mailto:annacameta@bol.com.br).

<sup>6</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [bre.ferreira@hotmail.com](mailto:bre.ferreira@hotmail.com).

<sup>7</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [cleoviana.cn@gmail.com](mailto:cleoviana.cn@gmail.com).

<sup>8</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [de.nilsonsb@hotmail.com](mailto:de.nilsonsb@hotmail.com).

<sup>9</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [liete.amorim@hotmail.com](mailto:liete.amorim@hotmail.com).

<sup>10</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [helderfariasferreira@gmail.com](mailto:helderfariasferreira@gmail.com).

<sup>11</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [jessicasobral10@gmail.com](mailto:jessicasobral10@gmail.com).

<sup>12</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [laisnunes01@gmail.com](mailto:laisnunes01@gmail.com).

<sup>13</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [luahy@hotmail.com](mailto:luahy@hotmail.com)

<sup>14</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [mayraleal10@gmail.com](mailto:mayraleal10@gmail.com)

<sup>15</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [pedro.pagliacci20@gmail.com](mailto:pedro.pagliacci20@gmail.com).

<sup>16</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [saletefariasferreira@gmail.com](mailto:saletefariasferreira@gmail.com).

<sup>17</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [thaussasobral@gmail.com](mailto:thaussasobral@gmail.com).

<sup>18</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [valerialinhares9@gmail.com](mailto:valerialinhares9@gmail.com).

<sup>19</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo email: [yurirbc@gmail.com](mailto:yurirbc@gmail.com).

<sup>20</sup> Orientadora do trabalho. Professora Dra do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Projeto Mídias Alternativas na Amazônia. CNPq-UFPA. Email: [celia.trindade.amorim@gmail.com](mailto:celia.trindade.amorim@gmail.com).

**PALAVRAS-CHAVE:** Audiovisual; Revista eletrônica; Jornalismo; Crianças; Amazônia.

## 1 INTRODUÇÃO

O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar, tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. Essa função é exatamente a definida como agente inteligente. (LAGE, 2001. p. 23)

O vai e vem das primeiras horas da manhã em vários portos da cidade de Belém do Pará como O Ver-o-Peso e Palha, é o ponto inicial de reflexão da revista eletrônica *Trapiche Urbano: As crianças da região amazônica*. Ao redor dos portos há um complexo de mercado, feiras e lojas que se comunica com a cidade e com os rios da Amazônia. Nesse vai e vem se assisti a chegada do peixe fresco e dos cachos de açaí vindos das ilhas próximas de Belém, dos barcos cheios de passageiros que deitados em rede se empilham uns por cima dos outros, da agitada vida urbana, grafitada e colorida. Esse cenário que se repete em várias cidades da Amazônia e que possibilita a permuta, a troca e a vivência, se chama trapiche.

Até a década de 50 do século passado, o trapiche na Amazônia era aquecido pelo comércio dos rios, a principal via de acesso de ribeirinhos, posseiros, colonos e índios. Com a Ditadura Militar de 1964 teve início a construção de várias rodovias, entre elas, a Transamazônica que mudou o fluxo dessa dinâmica, porém os trapiches não deixaram de existir, fazendo parte até hoje da vida de milhares de pessoas. No trapiche as mais diversas pessoas se encontram e trocam experiências, um verdadeiro hibridismo cultural (CANCLINI, 1889) que é a base da formação da identidade brasileira e amazônica (MAUÉS, 1999). Trata-se de um espaço público (THOMPSON, 2012) que faz a informação circular e, assim, chegar a locais mais diversos da região.

É por esse local comum, local de troca, que o presente trabalho viu no trapiche uma Amazônia ao mesmo tempo colonial e urbana. Amazônia dos grandes projetos e das grandes histórias que povoam a memória coletiva (HALBWACHS, 2006; MAUÉS, 1999) de todo o país. Amazônia exótica com seus estereótipos, matéria prima farta na grande mídia. Mas há também a Amazônia que se impõe com uma agenda urgente e necessária. A das crianças, geração que pode fazer uma outra história.

Entretanto muitas delas estão expostas a total ausência de políticas públicas comprometidas com a cidadania. São crianças escalpeladas, abusadas sexualmente nos rios caudalosos da região, exploradas como “domésticas mirins” em muitas casas das grandes cidades. É esta agenda que é a pauta da revista eletrônica *Trapiche Urbano*, as crianças são protagonistas de um cenário diverso e complexo como essa região de onde falamos.

O programa experimental se coloca como um trapiche entre o urbano e o colonial, entre o exterior (demais estados do Brasil) e o interior (a região descobrindo a região) na busca por tematizar os amazônidas que o restante do país desconhece, num diálogo de dentro para dentro e para fora. Assim, a revista eletrônica *Trapiche Urbano*, formada por amazônidas, traz à luz mais do que o "cardápio" das informações que são expostas na grande mídia.

## **2 OBJETIVO**

A revista eletrônica *Trapiche Urbano* se distânciava dos chamados “assuntos-ônibus” para usar a expressão de Bourdieu (1997), que são assuntos superficiais e líderes de audiência, ao contextualizar e problematizar temáticas sociais relevantes e que envolvem as crianças da Amazônia. Nesta perspectiva, os objetivos são: a) Contextualizar uma Amazônia fora do paradigma do exotismo, retratando não só as crianças que vivem às margens dos rios e florestas, mas também no meio urbano; b) Valorizar a pluralidade de opiniões ao possibilitar com que as diversas vozes do discurso jornalístico, profissionais responsáveis pelo assunto abordado e o pensamento das crianças, sejam representados; c) ressaltar as características do jornalismo com entrevistas, visão crítica e modelo textual (BOURDIEU, 1997) sobre as crianças da Amazônia, tema pouco abordado nas mídias local, nacional e internacional.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A Amazônia é exposta nas grandes mídias, principalmente a partir de seu caráter exótico. Fugindo do lugar comum de "vazio demográfico" (DUTRA, 2009) o programa *Trapiche Urbano* se propõe a discutir de forma crítica a Amazônia na qual milhares de crianças vivem.

A identidade amazônica é construída a partir de várias etnias, tais como, negros, índios, caboclos, mulatos, tapuios, mestiços, portugueses, paraoaras, amazônidas e brasileiros, assim como por diversas religiões, as

nativas e as importadas (de origem asiático-europeia e africana), com uma grande riqueza de mitos, rituais, preceitos éticos e práticas que informam o cotidiano (MAUÉS, 1999, p. 18).

Dessa forma, a relevância do tema é de pertinência uma vez que pouco se entende do complexo organismo social no qual a região se configura. Mostrar uma parcela desse assunto na missão de gerar novas discussões e novos olhares é além de um objetivo, uma necessidade que justifica todo o processo de apuração, cuidado com os dados e compromisso social ao qual nós, futuros jornalistas nos propomos.

Na sua essência, o jornalismo é uma representação discursiva de fatos e ideias da vida do homem, construída para se contar ou mostrar a outrem. Por outras palavras, o jornalismo é uma representação discursiva da vida humana na sua diversidade de vivências e ideias. Assim, pode-se dizer que o jornalismo vai buscar a sua origem mais remota aos tempos imemoriais em que os seres humanos começaram a transmitir informações e novidades e a contar histórias, quer por uma questão de necessidade (nenhuma sociedade, mesmo as mais primitivas, conseguiu sobreviver sem informação), quer por entretenimento, quer ainda para preservação da sua memória para gerações futuras (o que, simbolicamente, assegura a imortalidade). (SOUSA, 2008, p.13).

No jornalismo, o programa se configura como uma revista eletrônica. Esta, seja impressa ou eletrônica, apresenta como uma de suas características fundamentais o casamento entre texto e imagem “traduzidos em matéria bem escrita e apresentação visual eficiente” (Goulart, 2006, p.1). Goulart ao fazer uma análise da revista com outros meios de comunicação como o jornal, observa que a revista “parte do fato em si para tratar o assunto com maior amplitude. Como diz Garcia Márquez, a melhor notícia não é a que se dá primeiro, mas a que se dá melhor”. (Goulart, 2006, p.1).

O chamado Jornalismo de Revista, que permite trabalhar com mais profundidade a investigação, análise e interpretação dos fatos, tem nas palavras de Goulart (2006), o tempo como aliado. “Pode se fazer uma apuração mais precisa, ouvir várias fontes, utilizar recursos gráficos, etc”. (Goulart, 2006. p.1).

Sob estas bases se assenta a revista eletrônica *Trapiche Urbano*. Nela, quebra-se a dinâmica formal de um telejornal comum. A tradicional bancada é retirada, os apresentadores ficam à vontade: ora estão em pé, ora sentados, muda-se o cenário, que dialoga com cada matéria. Apresenta a temática em profundidade, com pautas elaboradas previamente. As entrevistas, por ultrapassar o tempo padrão em TV, têm a finalidade de preservar a fala ao máximo de todos que colaboraram para explicitar os assuntos em pauta.

Assim, o trabalho torna-se relevante no campo da Comunicação/Jornalismo e também é alimentador para fomentar políticas públicas voltadas efetivamente para transformar as crianças em verdadeiros cidadãos, já que o imaginário social ver a Amazônia como um local homogêneo e que o agendamento da grande mídia apenas se preocupa com a riqueza material e econômica da região. Coloca-se neste trabalho uma Amazônia social, construída por pessoas, por gente e, principalmente, por crianças que, mesmo soando clichê, são o futuro de uma região ainda em pleno desenvolvimento.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A revista eletrônica *Trapiche Urbano* contou com um rigoroso planejamento. Na primeira etapa, a professora e orientadora do projeto desenvolveu discussões teóricas com os alunos, a partir de leituras sugeridas, tais como “Sobre a Televisão”, do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997) e “A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo”, da jornalista Olga Curado (2002), dentre outras que podem ser conferidas ao longo deste *paper*. Após as discussões teóricas em sala, os alunos decidiram pelo tema “Crianças na Amazônia”, bem como o tipo de abordagem. Para trabalhar com esta temática foi necessário ampliar a base teórica com consultas sobre Legislação, em especial o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A finalidade era assegurar um material que não estereotipasse as crianças e adolescentes, garantido a preservação de sua identidade em reportagens que exigissem tal preservação.

No segundo momento, a sala de aula foi transformada em uma redação. Os alunos foram escalados para as funções de produtores, repórteres, chefes de reportagem, editores, etc. As pautas foram selecionadas pela relevância em relação à temática; os alunos tiveram liberdade para escolher em quais deveriam trabalhar. Devido à quantidade de reportagens, alguns alunos puderam optar por mais de uma equipe, exercendo outras funções do jornalismo.

O planejamento seguiu com cada equipe socializando a apuração, a investigação, a abordagem utilizada, os locais de filmagem, os personagens envolvidos, as dificuldades, etc. As pautas da revista são: escarpelamento, adolescentes em abrigos, prostituição infantil no Marajó, consumo e trabalho na infância, o quadro Papo Sério que enfatiza o universo da tecnologia no cotidiano dos menores, a importância do brincar e, por último, projeto social voltado para crianças. A turma pôde opinar e debater sobre cada matéria, o que constituiu

um passo muito importante no processo jornalístico, pois algumas temáticas eram polêmicas e deveriam ser tratadas com cuidado, para não cair no sensacionalismo.

O terceiro momento se caracterizou com as atividades de externas (quando as equipes de reportagens partiram para a rua em busca dos fatos que iriam virar notícia). Por se tratar de um trabalho universitário, em que a experimentação é valorizada e bem vinda, uma parte da produção da revista foi desenvolvida de forma independente pelos alunos, utilizando câmeras de mão, atividade que se destacou no final da edição, pois enriqueceu tecnicamente o produto. A outra parte contou com a equipe da Academia Amazônia<sup>21</sup> da Facom/UFPa<sup>22</sup>.

Apesar da divisão em grupos, ficou claro a importância do trabalho em equipe, o diálogo e o debate de várias opiniões e olhares contribuíram para a qualidade e inovação em várias partes do *Trapiche Urbano*. Mesmo que todos tivessem recebido uma função, escolhida no processo do pré-projeto, todos tiveram a oportunidade de participar das várias fases de elaboração da revista eletrônica. Sejam eles os processos de pré-produção, produção, edição, gravações, criação de vinhetas ou aberturas de quadros, arte, escrituras de off<sup>23</sup>, passagem de vídeo, entrevistas. No que tange à realidade de uma redação jornalística, a equipe teve mais liberdade para experimentar, o que provavelmente não aconteceria em veículos tradicionais.

Uma fase importante foi à captação de imagens e a posterior decupagem do material, que com a ajuda da professora e do editor Deco Barros, as equipes começavam a montar as reportagens. Era responsabilidade dos alunos também a escolha da trilha sonora e a elaboração de outras técnicas para construir a matéria, como a animação presente na matéria do escalpelamento, elaborada pela aluna de arquitetura Letícia Nunes, em parceria com o editor Deco Barros.

Depois de finalizada, as matérias eram apresentadas à turma para novas contribuições. Após esse momento a matéria voltava à edição para ajustes. Este processo pedagógico praticado em sala de aula permitiu com que a turma refletisse sobre a qualidade e a intenção das reportagens produzidas. Todo processo era aberto à participação dos demais alunos.

---

<sup>21</sup> Projeto de extensão que trabalha com a produção e divulgação do conhecimento científico da Universidade Federal do Pará.

<sup>22</sup> Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará.

<sup>23</sup> Gravação somente da voz do repórter feita em estúdio.

Como o jornalismo exige o trabalho em equipe, o programa contou ainda com o apoio do aluno do Curso de Publicidade da Facom, Márcio Dias, que fez a aplicação da arte e identidade do *Trapiche Urbano*, elaborada em forma de grafiteagem para a abertura do programa e dos blocos. Quem assina a grafiteagem é o artista Fábio Graf.

Figura 1 e 2: Fotos da gravação da grafiteagem .



Fonte: Arquivo de imagens da turma de Jornalismo, 2014

O dia de gravação do quadro Papo Sérió demandou a presença de toda a turma para auxiliar na produção, uma vez que este quadro envolvia muitas crianças como convidadas. Elas vieram acompanhadas dos pais. As filmagens aconteceram na brinquedoteca do Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), onde foi possível alternâncias de cenários de acordo com a temática.

Após as matérias editadas, a gravação da revista *Trapiche Urbano* foi no Mangal das Garças, um complexo turístico de Belém. O local foi escolhido por permitir também a alternâncias de cenários sem alterar a identidade do programa, sendo inclusive, as cenas de abertura e as de encerramento gravadas em cima de um trapiche, na Bahia do Guajará. O Mangal foi escolhido ainda porque às segundas-feiras é fechado ao público para limpeza, por tal motivo as gravações puderam ser realizadas sem grandes interferências externas.

O quarto momento se caracterizou com a exibição da revista *Trapiche Urbano* no auditório do Centro Cultural Brasil Estados Unidos (CCBEU) de Belém, em evento aberto ao público. Na oportunidade, alunos e professores da FACOM e de outras universidades, além das pessoas entrevistadas pela revista puderam debater a temática e a contribuição do produto para a Amazônia. A segunda apresentação no auditório do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) com a mesma metodologia. Houve divulgação nas redes sociais. A produção dos alunos está disponível no link: [www.youtube.com/trapicheurbano](http://www.youtube.com/trapicheurbano) .

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A equipe de alunos e a professora orientadora do trabalho realizaram ampla discussão sobre o nome da revista, que abrigasse a temática proposta. Depois de muitas discussões e leituras optou-se inicialmente pelo nome Trapiche. Como já foi mencionado ao longo do trabalho, o trapiche é uma construção comum nos rios da Amazônia, que liga as demais localidades ribeirinhas, que dependem dos rios para o seu sustento, sua locomoção e, por consequência, sua comunicação. Entretanto, sendo a Amazônia uma região de contrastes, em que se observa o urbano e a natureza coabitando, ao trapiche se acrescentou a palavra “urbana” para construir a ideia de inseparabilidade desses meios e assim fugir de uma representação caricata da região. Para ilustrar toda a concepção do nome *Trapiche Urbano*, foi escolhido a grafiteagem para a abertura do programa e de cada bloco.

Dentro do telejornal foi produzido o quadro experimental “Papo Sério”, cujo objetivo foi estabelecer um diálogo com várias crianças convidadas para discutir assuntos da atualidade, como: tecnologia, deficiências públicas, as passeatas de protesto (o quadro foi gravado em julho de 2013, época em que vários protestos tomaram conta das ruas das mais diversas capitais em todo Brasil, inclusive Belém), entre outros.

O Trapiche Urbano foi dividido em quatro blocos: no primeiro foram colocados duas reportagens que retratam em profundidade de crianças em situação de risco, uma sobre crianças que sofreram o escalpelamento (arranchamento do couro cabeludo) em acidentes de barcos sem proteção nos motores, muito comum nos rios da Amazônia. O foco da matéria foi a recuperação das crianças, assistidas pela ORVAM (ONG dos ribeirinhos vítimas de acidentes de motor), que contam com a ajuda de voluntários, também vítimas do escalpelamento, para auxiliar na superação do trauma. A matéria apresentava também informações sobre como evitar o acidente. O segundo VT abordou as crianças e adolescentes que vivem em abrigos públicos, a reportagem foi produzida com a ajuda do abrigo Raio de Luz. Nessa foi retratada a realidade de vítimas de abuso sexual dentro da própria família. Essas meninas acabam sendo retiradas do poder familiar e encaminhadas para adoção. Entretanto, devido à idade, muitas delas permanecem nos abrigos até a maioridade.

Figuras 2 e 3: gravação da matéria dos abrigos infantis



Fonte: Arquivo de imagens da turma de Jornalismo, 2014

O segundo bloco traz uma entrevista com a irmã Henriqueta Cavalcante, umas das principais combatentes contra a exploração sexual na região do Marajó, que apresenta um dos menores índices de desenvolvimento humano (IDH) do país. A Irmã denuncia a exploração sexual de crianças nas balsas que ancoram na região pobre e esquecida pelo poder público. Às vezes, a exploração sexual nas embarcações é o único meio de sobrevivência da família e que acarreta, na maioria dos casos, o abandono escolar por essas crianças.

Figura 4: Gravação da entrevista com a Irmã Henriqueta



Fonte: Arquivo de imagens da turma de Jornalismo, 2014

Ainda no segundo bloco há um VT<sup>24</sup> sobre a questão do consumismo infantil, uma equipe de alunos acompanhou a ida de uma mãe e seu filho em um *shopping center*, fez entrevistas com a psicóloga Ivany Pinto sobre as consequências do comportamento consumista no desenvolvimento da criança. Ela orienta os pais a evitar esse hábito. Esta matéria foi inteiramente produzida com câmera de mão.

O terceiro bloco é composto pela matéria sobre trabalho infantil em que é abordado o contexto histórico sobre tal problema no Brasil, passando pela criação do ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, até os dias atuais. A matéria também informa sobre os direitos da criança e do adolescente na entrevista com a procuradora do Ministério Público do Trabalho, Rejane Barros; e com o secretário de Assistência Social, Heitor Pinheiro. Há também depoimentos de pessoas que começaram a trabalhar desde cedo. Este bloco apresenta o quadro experimental Papo Sério, em que foram convidadas 7 crianças para conversar sobre os diversos assuntos, como, tecnologia, brincadeiras, sonhos e manifestações de ruas. O quadro contou ainda com uma pequena matéria mostrando as crianças da era da tecnologia e seus modos diferenciados de diversão frente aos computadores e smartphones. Ainda dentro do programa foi exposta uma nota coberta sobre as manifestações que tomaram conta de Belém e do restante do Brasil no mês de junho.

O quarto e último bloco possui dois VT's. O primeiro sobre a importância do brincar para o desenvolvimento e formação da criança, em que o lúdico é fundamental e o Estado tem o papel essencial na garantia desse direito. A matéria possui uma produção diferente das demais, pois foi filmada com duas câmeras: uma profissional e uma de mão para fazer as imagens auxiliares.

O último VT trata sobre a temática “projeto social” que ensina Ginástica Rítmica a crianças carentes; foca na importância do esporte na formação da criança, que desenvolve a disciplina e principalmente a superação de desafios e dos próprios limites. Muito mais do que uma prática esportiva, a matéria trata sobre a atividade esportiva, aliada a uma consciência crítica, como base sólida para uma mudança social. Essa reportagem foi escolhida para encerrar o programa, pois representa a crença da revista *Trapiche Urbano*: uma Amazônia cidadã e de oportunidades para todos.

---

<sup>24</sup> Videotape. Aplica-se neste trabalho como sinônimo de matéria destacada do programa.

## Imagens 5 e 6: Gravação do telejornal



Fonte: Arquivo de imagens da turma de Jornalismo, 2014

O local escolhido para as gravações do telejornal foi o trapiche do Mangal das Garças, localizado na cidade de Belém, uma das maiores cidades da Amazônia brasileira. O Mangal é situado à beira do rio Guamá e cercado de fauna e flora locais. Este espaço permitiu o diálogo entre as realidades amazônidas, a urbana e a dos rios, representadas dentro do programa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebendo a fragilidade do discurso da mídia com relação à imagem da Amazônia, a revista *Trapiche Urbano* se apresenta no campo jornalístico com uma marca que o faz diferente das demais produções sobre a região: A revista foi pensada buscando representar a complexidade da Amazônia e de seus personagens, por meio de um olhar não estereotipado, evitando, assim, o exótico. Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010), mais da metade da população da região Norte, 57%, vive na zona urbana, o que destoa da representação midiática que costuma colocar o povo amazônida como moradores da floresta.

Concebido como um produto que prima por uma representação não espetacularizada, o planejamento do Trapiche Urbano foi pensado desde o nome, à escolha das reportagens e do cenário, com o intuito de mostrar a região, sua cultura e peculiaridades de maneira usual no que tange ao referencial simbólico das pessoas que vivem na Amazônia. O programa experimental possui a proposta de a cada edição tratar sobre um personagem amazônida; a edição piloto foi roteirizada para apresentar os mais jovens moradores e aqueles que serão o futuro da região, as crianças. Nas matérias jornalísticas

foram exploradas as diversas situações em que vivem estas crianças: crianças em situações de risco, as que participam de projetos educacionais, as consumistas, as exploradas sexualmente em balsas do Marajó. A revista ainda optou em criar o quadro "Papo Sério", em que os pequenos puderam dar voz ao que pensavam acerca de diversos assuntos.

Tratando do tema crianças e lembrando que a proposta do programa é ser uma produção experimental, buscou-se fugir dos padrões da mídia televisiva habitual e criar um ambiente mais leve e jovial, porém mantendo a imagem de credibilidade que uma produção jornalística deve possuir. Estes elementos se refletem nos apresentadores, na construção dos diálogos, na escritura dos off, e na escolha de fazer a revista eletrônica inteira fora do estúdio.

O Trapiche Urbano foi uma proposta que apesar de exigir uma grande demanda de trabalho em conjunto e estrutura, conseguiu manter a imagem de leveza e experimentalismo a que se propunha. O produto é uma amostra do que pode ser produzido e explorado no âmbito do audiovisual na Amazônia quando há ideias criativas, vontade de professores e alunos de indicarem algo fora dos modelos que são apresentados pelo centro do País, e com um olhar da região sobre a região. De certo, a produção é uma fonte de conhecimento e reflexão sobre a realidade amazônica, mostrada através de uma lente jovem, mas que não se abstém de gerar conhecimento e pensamento crítico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO PESSOAL. Fotos e imagens das gravações do telejornal. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Oeiras. Celta Editora, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Edusp. São Paulo, SP. 2006.

CURADO, Olga. **A notícia na TV. O dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002

DUTRA, Manuel. **A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, biodiversidade, os povos da floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **A Amazônia no século XXI – novas formas de desenvolvimento**. São Paulo: Empório do Livro, 2009.

MAUÉS, Raymundo Herald. **Uma outra “invenção” da Amazônia** – religiões, histórias, identidades. Belém: Cejup, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Jornalismo: história, teoria e metodologia de pesquisa: perspectivas luso-brasileiras**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

THOMPSON, Jonh B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Editora Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOULART, Alexandre. Uma lupa sobre o jornalismo de revista. *In: Observatório da Imprensa*, 2006. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma-lupa-sobre-o-jornalismo-de-revista>> Acessado em: 23/03/2014.